

Ribeira dos Amiais | Rio Alviela

Tipo: Corredor Ecológico Secundário da Estrutura Regional de Proteção e Valorização Ambiental do OVT

Concelhos: Santarém e Alcanena
Áreas classificadas: O troço montante integra Área Protegida (Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros) e Rede Natura 2000 (SIC Serras de Aire e Candeeiros)

Descrição geral: Afluente da margem direita do rio Tejo, o rio Alviela nasce na Gruta do Alviela junto à confluência com a Ribeira dos Amiais no concelho de Alcanena.



A nascente dos Olhos de Água do Alviela constitui a mais importante nascente do nosso país e situa-se, tal como outras da região, na orla do Maciço Calcário Estremenho. A água que brota da nascente é originária da chuva que se precipita e se infiltra no Planalto de Santo António e

é conduzida até este local por uma complexa rede de galerias subterrâneas que constituem centenas de grutas existentes na região. Com uma envolvente de grande beleza paisagística, o Alviela nasce na base de uma escarpa, local conhecido por Olhos de Água, onde é feito o abastecimento de água para consumo público a Lisboa, desde 1880. (site do ICNF)

Outro curso de água partilha este local: a ribeira dos Amiais. Pequeno afluente do Alviela que, ao atravessar calcários no seu percurso, é responsável por um dos mais interessantes fenómenos flúvio-cársicos do nosso país, dando origem a um sistema de perdas e ressurgências em conjunto com o Alviela. Ao deparar-se com um pequeno afloramento calcário, a ribeira dos Amiais desaparece no interior da rocha através de uma gruta – Perda – construída à custa da erosão provocada pela passagem de água ao longo de milhares de anos, percorrendo atualmente cerca de 250 m de leito subterrâneo. (site do ICNF)

Caminhando para jusante, encontra-se uma depressão de abatimento - janela cársica - onde, para além de se poder observar, na sua base, o leito subterrâneo da ribeira, são igualmente evidentes antigas

galerias há muito abandonadas pela água e que atualmente constituem local de abrigo de importantes colónias de morcegos (por este motivo desaconselha-se a visita às grutas). Seguindo o percurso, desce-se até ao local onde a ribeira dos Amiais reaparece à luz do dia, constituindo o que é conhecido por Ressurgência. (site do ICNF)

É neste local, na margem esquerda da ribeira, que podemos observar as águas do Alviela subterrâneo. Esta “saída de nível” da nascente dos Olhos de Água, caso não estivesse separada por um dique, constituiria, simultaneamente, uma Perda / Exsurgência, dependendo da quantidade de chuva precipitada na região. Normalmente, é emissiva em invernos particularmente pluviosos, dando origem a caudais torrenciais. Quanto ao dique, a sua construção no início do séc. XX, foi sugerida pelo hidrogeólogo suíço Ernest Fleury, um dos percursores da espeleologia em Portugal e responsável por um estudo encomendado pela então Companhia das Águas de Lisboa, sobre a nascente do Alviela. A ribeira dos Amiais percorre os restantes 200m que a separam da foz, por um leito de margens escarpadas que constitui o terço final do canhão flúvio-cársico do mesmo nome. (site do ICNF)



Este interessante complexo de grutas tem uma envolvente composta por vegetação de características mediterrânicas de que se destaca o sobreiro, o pinheiro-manso, o medronheiro, a aroeira, entre outras. O hipericão, planta medicinal, é uma das muitas espécies favorecidas pelas características ecológicas diversificadas dos Olhos de Água do Alviela. Relativamente à fauna, estas grutas assumem um papel importante como locais de abrigo de cerca de 11 espécies de morcegos. Estes são animais muito sensíveis a todo o tipo de perturbação e verdadeiramente importantes do ponto de vista ecológico, dado que fazem um controlo eficaz das populações de insetos (cada animal ingere por noite, cerca de metade do seu próprio peso em insetos), pelo que está interdito o acesso às grutas. (site do ICNF: ver mais [aqui](#))

Este corredor da estrutura ecológica regional segue ao longo desta ribeira/rio, passando pelos aglomerados de Amiais de Cima e Amiais de Baixo, no município de Santarém, entrando depois no município de Alcanena onde passa pelo aglomerado de Louriceira, continua para sul e entra de novo no município de Santarém onde passa pelo aglomerado de Pernes, São Vicente do Paul e Ponte de São Vicente, desaguardo no rio Tejo a sudeste de Vale Figueira

Fonte das imagens: Site do ICNF